

Departamento de Filosofia
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Projeto Pedagógico
(de acordo com a Deliberação CEE nº 99
de 24 de maio de 2010)

São Paulo
2021

Índice

1. Histórico do curso
2. Objetivos e missão
 - 2.1. Objetivos gerais
 - 2.2. Objetivo específico
 - 2.3. A missão do Departamento de Filosofia
 - 2.3.1. Qualificação da demanda social
 - 2.3.2. A missão formadora
3. Ingressantes e egressos
 - 3.1. Ingressantes
 - 3.2. Egressos
4. Estrutura e matriz curricular do curso
 - 4.1. Grade curricular do Bacharelado
 - 4.2. Grade curricular da Licenciatura
 - 4.3. Estrutura curricular
5. Grade curricular do bacharelado em Filosofia
6. Ementas

1. Histórico do curso

O primeiro período do curso de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), que vai da fundação em 1934 até 1957, corresponde à época das Missões Francesas, isto é, de professores franceses que para aqui vieram com a tarefa específica de criar e constituir as diretrizes básicas do curso bem como formar futuros docentes. A segunda fase, que delimitaríamos entre 1958 e 1968, corresponde à consolidação do estilo de trabalho que conferiu ao Departamento o seu caráter específico no panorama filosófico-universitário do país. Sob a influência, a um tempo diversificada e confluyente, de Gilles-Gaston Granger, Martial Guérault, Victor Goldschmidt, estabeleceram-se padrões técnicos e críticos de trabalho filosófico e de estruturação acadêmica favorecidos pela postura politicamente aberta dos então catedráticos brasileiros João Cruz Costa e Lívio Teixeira. A terceira fase inicia-se com a crise política de 1968, quando sobrevieram as cassações que puseram em risco a própria sobrevivência do curso. A Reforma Universitária impôs à graduação uma estrutura rígida que forçou a introdução de novas disciplinas e o atendimento a diretrizes quantitativas de formação (créditos).

O estilo de trabalho, consolidado no segundo período que mencionamos acima, prescrevia para a graduação objetivos de formação técnica e crítica centrados numa abordagem analítica da História da Filosofia que visava dar ao aluno instrumentos teóricos para a compreensão das lógicas internas dos sistemas filosóficos. A preocupação dominante era a preparação para a pesquisa e a docência de acordo com padrões herdados da historiografia filosófica francesa. Antes da Reforma Universitária tal trabalho podia ser desenvolvido de forma intensiva, uma vez que o currículo era constituído por um número relativamente reduzido de disciplinas, com pequena carga horária semanal e ministradas ao longo de um ano. Essas características conjugavam-se a exigências rigorosas no tocante à carga de leitura e ao trabalho aprofundado com os sistemas e autores tratados nas disciplinas.

Com o advento da Reforma Universitária, os objetivos mantiveram-se como definidores do caráter do curso, mas as condições para atingi-los tornaram-se cada vez mais problemáticas, devido a vários fatores. Em primeiro lugar há que

se considerar a necessidade da introdução de novas disciplinas obrigatórias e optativas, a ampliação da carga horária semanal e a semestralidade, tudo isso imposto pelo regime de créditos que passou a vigorar nas universidades brasileiras. Tais modificações reduziram muito a possibilidade de trabalho intensivo nos moldes descritas acima. O aumento do número de vagas, imposto pelas circunstâncias históricas dos anos 70, a unificação do vestibular e a deterioração do Ensino Médio foram igualmente fatores que dificultaram extremamente a compatibilização dos objetivos do curso com as condições concretas do alunado que passou a ingressar na universidade. Ademais, é fundamental recordar que, no bojo de um ataque geral às ciências humanas e deliberadamente à memória cultural e histórica da nação, naquela mesma década de 70 a Filosofia foi praticamente banida do Ensino Médio e substituída por um amálgama confuso denominado “Educação Moral e Cívica”, ao mesmo tempo em que se promoveu uma expansão do ensino público e privado na direção da profissionalização técnica. Mesmo depois das sucessivas reformas empreendidas nas décadas posteriores, a Filosofia continuaria excluída da grade obrigatória das disciplinas do Ensino Médio. Isso gerou uma ausência, modulada pela regulamentação e organização institucional do ensino, de demanda social por professores de Filosofia para o Ensino Médio, o que levou o Departamento de Filosofia, por muito tempo, a priorizar a formação de pesquisadores e professores para o Ensino Superior. Só nas duas últimas décadas, sobretudo a partir da reintrodução da disciplina Filosofia nas redes pública e privada do Estado de São Paulo, essa tendência reverteu-se. De uma lado, os estudantes ingressantes já possuem alguma experiência com o pensamento filosófico; por outro, o Departamento tem dedicado especial atenção à presença da Filosofia no Ensino Médio, tanto no que concerne à formação de professores quanto pela preocupação geral em discutir parâmetros para tal ensino e contribuir com a produção de material didático e paradidático.

2. Objetivos e missão

2.1. Objetivos gerais

É evidente que, nas condições atuais, a preparação para a pesquisa e para o Ensino Superior não é mais mantida, enquanto objetivo, com a predominância que possuía anteriormente. Esse objetivo encontra-se agora em equilíbrio com dois outros, que são a formação profissional do docente de Filosofia do Ensino Médio, tendo em vista a reintrodução da disciplina no currículo, e a formação complementar oferecida a estudantes provenientes de outras áreas, como jornalistas, psicólogos, médicos, físicos, advogados, etc. Não consideramos, entretanto, que deva haver uma separação drástica entre preparar para o Ensino Superior e preparar para a docência no Ensino Médio; convém, pelo contrário, um equilíbrio entre essas duas finalidades principais do curso, de modo a não excluir, discriminatoriamente, uma ou outra das opções do aluno. Tal integração beneficia, inclusive, aqueles profissionais de outras áreas que procuram o curso, bem como os graduados em Filosofia que trabalharão em outras áreas, como museus, editoras, institutos de pesquisa, etc.

2.2. Objetivo específico

A graduação em Filosofia tem por escopo uma formação técnica e crítica do estudante por meio do estudo aprofundado da História da Filosofia e dos temas que constituem os eixos da reflexão filosófica, tanto os legados pela tradição quanto os vinculados às questões contemporâneas. O curso planeja oferecer a visão mais completa possível das questões do pensamento filosófico e do seu movimento histórico. Essa formação técnica também envolve o desenvolvimento de competências específicas ligadas à prática filosófica, destacando-se em particular o treino metódico e progressivo do uso argumentativo da linguagem, por meio da leitura rigorosa de textos clássicos, da escrita constante de dissertações ou provas e da apresentação de seminários.

Privilegia-se, assim, tanto o estudo analítico de temas e autores quanto a prática argumentativa, de modo a evitar a abordagem panorâmica que, dada a variedade da história do pensamento, seria superficial. Visa-se formar o pesquisador e professor, tanto do Ensino Superior como do Ensino Médio, sempre pela compreensão da unidade indissolúvel das duas atividades, ou seja, da visão de que a atividade docente decorre da pesquisa e de que o exercício da capacidade crítica, essencial ao filósofo, só se adquire no trato com as formas

históricas do pensamento, consideradas na originalidade que as relaciona e diferencia.

O objetivo é dar ao futuro professor e/ou pesquisador a formação compatível com a tarefa pedagógica, inclusive no que diz respeito às típicas dificuldades relativas à disciplina no Ensino Médio; tarefa essa sempre entendida como trabalho de emancipação das consciências e capacitação para uma cidadania efetiva. É o que permite ainda ao Bacharel ou Licenciado em Filosofia exercer outras atividades ligadas ao campo cultural.

2.3. A missão do Departamento de Filosofia

2.3.1. Qualificação da demanda social

A exposição da missão do Departamento de Filosofia depende do esclarecimento prévio do que se entende por “demandas (expectativas e solicitações) da sociedade” que devem ser atendidas por unidades de ensino e pesquisa das universidades. O ponto em questão remete evidentemente à ordenação da sociedade contemporânea, que se caracteriza significativamente pelo conjunto das instituições que a compõem, as quais, por sua vez, estão reguladas por uma ordem jurídica. Em tal contexto, a demanda social – seja aquela caracterizada por anseios individuais de ordem psicológica, como as expectativas, seja aquela outra expressa na solicitação social coletiva reconhecida e até mesmo plasmada pelas instituições sociais – sofre uma série de restrições de ordem institucional, sendo modulada por valores que se manifestam e são incentivados no interior dessas instituições.

Evidentemente, um departamento de uma universidade é uma parte ou órgão de uma instituição ou de uma hierarquia de instituições. No caso em pauta, o Departamento de Filosofia está no interior de uma instituição mais ampla, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e de uma instituição máxima em seus contornos internos, a Universidade de São Paulo, que divide o mesmo campo de atuação com outras instituições no âmbito da cultura, da ciência e da tecnologia, em particular as agências de fomento. Em suma, perguntar pelas demandas da sociedade é fundamentalmente perguntar o que essas diversas instituições esperam que o Departamento forneça em termos de contribuição da Filosofia para a cultura, a ciência e a cidadania na sociedade brasileira.

Aquilo que se entende por demanda social tem então duas determinações. Por um lado, as instituições qualificam a demanda social, impondo restrições àquilo que é desejável e pode ser incentivado. Por outro lado, essas qualificações e suas conseqüentes restrições dependem da manutenção de valores que são incorporados pelos professores dos departamentos e sustentados, mantidos e incentivados pelos órgãos colegiados e diretivos da Universidade. A resposta institucional à demanda social tende assim a qualificá-la, intensificando certos valores que foram constitutivos das restrições. Ora, os valores que presidem a formação são diferentes dos valores que presidem a profissionalização e a especialização. No primeiro caso, o objetivo é formar o professor competente e o pesquisador autônomo, o que não significa apenas o domínio técnico de uma área do conhecimento, mas também a capacidade de estabelecer relações entre a área e a totalidade da cultura. Nesse sentido, formação significa antes de tudo a assimilação crítica da informação, e o desenvolvimento dessa capacidade é essencial para que o futuro docente/pesquisador possa refletir de maneira aprofundada tanto sobre a particularidade do seu trabalho quanto sobre a totalidade na qual este se insere. Essa totalidade há de ser vista como múltipla e plural, razão pela qual a formação da capacidade reflexiva é também uma preparação para a convivência intelectual com a diferença e a diversidade.

No caso da especialização, o que se espera é um domínio vertical de disciplinas ou áreas de estudos, tanto em termos de informação quanto no que se refere aos procedimentos metodológicos. A diversificação do saber em todas as áreas incentiva a especialização como a melhor opção de acompanhamento do ritmo do progresso do conhecimento. A complexidade das pesquisas setoriais e o crescimento rápido da bibliografia específica praticamente impõem como inevitável a especialização, mesmo que em algumas áreas do conhecimento (como é o caso da Filosofia) ela represente por vezes – e se levada à exacerbação – uma restrição indesejável.

A profissionalização deverá ser vista, no seu melhor perfil, como um vínculo entre a instituição e a sociedade, se entendermos que a preparação profissional necessita ser governada por parâmetros predominantemente sociais, a fim de que o profissional possa integrar-se produtivamente na comunidade. No caso da universidade pública, essa vinculação entre profissionalismo e cidadania deve

ser o requisito básico de preparação para o mundo do trabalho, até porque sabemos que nas empresas de Ensino Superior muitas vezes adotam-se critérios que estão bem longe dessa perspectiva.

Assim, a demanda social é sentida como pressão ou conflito quando existe um descompasso – uma lacuna que deve ser preenchida – entre o ideal de formação ou profissionalização proposto pela instituição e as possibilidades reais de realização desse ideal nas condições presentes, concretas e socialmente dadas.

Existem demandas sociais, portanto, que são sentidas pelo Departamento de Filosofia como pressões sociais. Elas são basicamente de duas ordens:

(a) Pressões sobre a graduação

São decorrentes das deficiências do Ensino Médio tanto público como privado e do conseqüente não cumprimento dos objetivos que deveriam ser realizados nessa etapa, que frequentemente não propicia a formação de um cidadão capaz de decidir autonomamente com base num conjunto de conhecimentos considerados básicos e sem os quais o indivíduo não tem acesso à cultura, à ciência nem, de modo mais prosaico, à informação relevante para moldar suas ações. O resultado desse quadro é o despreparo de parte significativa dos estudantes que ingressam na Universidade.

(b) Pressões sobre a pós-graduação e a pesquisa

Essas pressões são externas à instituição *mater*, mas repercutem internamente nas partes e órgãos da instituição. (1) As agências de financiamento à pesquisa (Fapesp, Capes, CNPq e outras) que pressionam de modo variado, que não cabe detalhar aqui, na direção de uma maior velocidade de titulação em detrimento da qualidade da formação; (2) as Pró-Reitorias de Pós-Graduação e de Pesquisa com suas políticas de formação de quadros profissionais e de pesquisa científica e tecnológica ou com suas políticas orçamentárias.

Cabe lembrar, a título de conclusão, que o Departamento procura preservar sua autonomia sem isentar-se do atendimento das demandas institucionais e sociais de forma ampla.

2.3.2. A missão formadora

Desde o início, a preocupação fundamental do Departamento de Filosofia foi com o rigor dos estudos filosóficos, contrapondo-se ao ambiente intelectual do país que, principalmente na primeira metade do século XX, caracterizava-se por certa fluidez e abuso da retórica, bem como pela importação acrítica de novidades europeias. Os primeiros professores franceses, construtores iniciais de nossa tradição, pautavam o trabalho pela análise das ideias a partir da leitura rigorosa dos textos, mormente clássicos. Tal perspectiva de formação marca até hoje o estilo de trabalho de Departamento de Filosofia e tornou-se paradigma para vários núcleos universitários de Filosofia que se constituíram posteriormente.

Essa busca de excelência aflorou também numa preocupação conexa: a formação de uma terminologia filosófica em português, que viesse a contribuir para o aprimoramento dos textos e do intercâmbio de ideias. Nesse sentido foram sumamente preciosos os aportes terminológicos oriundos de traduções realizadas por docentes deste Departamento, trabalho intensificado nos anos 70 e 80, e que continua até hoje, sempre perseguindo a mesma finalidade, qual seja, a de constituir em português um vocabulário filosófico fundado no conhecimento rigoroso das línguas de origem e numa reflexão filológica competente, capaz de atingir a pertinência das equivalências vocabulares e a fidelidade ao sentido original.

O que se conseguiu assim estabelecer nesses decênios foi um estilo de reflexão filosófica efetivamente formadora de um pensamento rigoroso, constituindo assim uma tradição acadêmica na área cujo mérito é amplamente reconhecido nacional e internacionalmente. Isso está refletido na produção do Departamento. As exigências de rigor expressaram-se desde cedo em monografias e estudos que, deixando de lado o amadorismo ensaístico vigente em épocas passadas, trilharam o caminho da precisão analítica, do estudo criterioso das fontes e da originalidade da reflexão, constituindo-se alguns como marcos referenciais da maior importância.

Sem dúvida o motivo maior dessa confluência de resultados está na ênfase dada ao rigor da pesquisa, não apenas quanto ao trabalho de investigação teórica desenvolvido pelos docentes, mas também no que toca às exigências feitas aos estudantes, desde a graduação, no sentido de transmitir-lhes esse requisito básico da formação. Por isso podemos dizer que o Departamento de

Filosofia logrou obter um equilíbrio bastante estável entre a pesquisa e o ensino, associando-os concretamente na definição de um trabalho filosófico de alto nível e compatível com as mais elevadas exigências universitárias.

Acreditamos que esse perfil formador, constituído pelas mais estritas relações entre ensino e pesquisa, é a grande contribuição deste Departamento, e o propósito de poder mantê-lo e aprimorá-lo institucionalmente é o que anima todos os nossos esforços para que o Departamento atue de forma cada vez mais fiel a esses parâmetros.

De modo geral, pode-se dizer que as demandas sociais a que está constringido o Departamento de Filosofia se organizam em torno de dois eixos: o eixo da formação – que inclui a formação básica da graduação e a formação de pesquisadores e professores do Ensino Médio e Superior; e o eixo da cultura e extensão – formação de produtores, divulgadores e críticos culturais que possam atuar nos setores de informação, eventos culturais e conselhos ético-profissionais, bem como a formação cultural mais ampla de profissionais de outras áreas a qual se expande para o público interessado na cultura.

a) Formação de professores e pesquisadores

No primeiro eixo, o Departamento de Filosofia tem como *desideratum* geral dedicar-se à formação de cidadãos competentes em suas avaliações morais e socialmente responsáveis e capazes de agir autonomamente, vale dizer, de maneira crítica, respeitando a diversidade e visando a uma sociedade mais justa e democrática. A efetivação desse *desideratum* tem em vista a constituição de dois contingentes: em primeiro lugar, aqueles que seguirão na Filosofia como profissionais, ou seja, após a sua graduação e uma eventual pós-graduação, dedicar-se-ão à docência e à pesquisa no Ensino Médio e Superior em escolas e universidades públicas e privadas do país; em segundo lugar, aqueles que recebem uma complementação cultural e humanística a sua formação profissional ou especializada anterior ou atuam como produtores em outras esferas da cultura.

Com um corpo docente altamente qualificado, o Departamento de Filosofia mantém um programa de pós-graduação nos níveis de mestrado, doutorado e pós-doutorado, por meio do qual é responsável pela formação acadêmica de um número significativo de professores de Filosofia das universidades públicas e privadas do país. Também é crescente o número de nossos egressos

dedicando-se ao Ensino Médio, alunos cuja formação se beneficia igualmente da excelência desse corpo docente, visto que todos os nossos professores, e mesmo alguns já aposentados, dedicam-se intensamente à graduação, dando cursos, orientando iniciação científica e participando de eventos abertos ao alunado. Essa prática – que tem se tornado rara nas universidades brasileiras – faz jus à evocada tradição deste Departamento de entrelaçar a docência e a pesquisa. Ademais, no que se refere ainda à relação entre a graduação e a pós-graduação, cabe destacar que os bolsistas Capes de Mestrado e Doutorado participam ativamente da graduação através do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE).

O incentivo à pesquisa na graduação se dá sobretudo através do Programa de Iniciação Científica do Departamento de Filosofia e do Programa de Educação Tutorial (PET). A iniciação científica tem como principais características o trabalho orientado por um professor, tendo em vista especificamente a elaboração de uma monografia e a dedicação exclusiva ao estudo. O PET, por sua vez, um programa tutorial orientado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tem por objetivo desenvolver, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar, habilidades que contribuam tanto para a elevação da qualidade acadêmica como para a formação integral de alunos com atitude crítica e responsabilidade social. Ambos os programas devem refletir-se num melhor aproveitamento das disciplinas em geral, auxiliando inclusive na elevação do nível de trabalho discente em sala de aula. Além da elaboração de uma monografia e/ou de um projeto de mestrado, durante pelo menos quatro semestres de sua participação, os estudantes integram seminários organizados pelo Programa de Iniciação Científica ou pelo PET e/ou, a critério do tutor ou do orientador, devem participar de seminários especializados mantidos pelo Departamento e atividades extraordinárias pertinentes, como assistir conferências, participar de colóquios, organizar eventos, etc. Os dois programas organizam o processo de seleção, público e coletivo, segundo um calendário fixo, para bolsistas de diversas modalidades (PIBIC, PET, Faculdade) e o Programa de Iniciação Científica pode incluir também bolsistas de outras agências (em especial da Fapesp) e orientandos não-bolsistas. Os estudantes participam de dois colóquios anuais: o Seminário Internacional de Iniciação Científica da USP e o Encontro de Pesquisa em

Filosofia na Graduação, que conta com a participação de um grande número de graduandos em Filosofia de todo o Brasil. Os trabalhos apresentados podem ser publicados nas revistas *Primeiros escritos* e *Humanidades em diálogo*.

Do ponto de vista organizacional, podemos destacar a existência de grupos de pesquisa e a implementação de projetos temáticos financiados pela Fapesp. Fiel a sua tradição, o Departamento procura, desde a graduação, proporcionar aos alunos condições de elaboração e de desenvolvimento de projetos, tal como ocorre no Programa de Iniciação Científica. Vale acrescentar que esses grupos constituídos mantêm intercâmbio com vários núcleos de pesquisa filosófica no país. Além disso, o Departamento busca contatos regulares com universidades e centros de pesquisa estrangeiros, o que tem resultado em inúmeros convênios e outras formas de intercâmbio. A presença rotineira de professores visitantes nas diversas áreas do Departamento tem contribuído para a diversificação e o aprimoramento da vida acadêmica, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Por outro lado, cabe mencionar também que professores e alunos de graduação e de pós-graduação do Departamento têm realizado estágios no exterior, aí compreendidas atividades de pesquisa e de docência. Toda essa atividade redundou em um número significativo e crescente de publicações no Brasil e no exterior.

Não obstante algumas deficiências, um dos pontos fortes do trabalho de formação do curso de Filosofia da USP é a Biblioteca Florestan Fernandes, ligada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e que é a mais completa do país na área. Nos dois últimos decênios, em especial, houve uma notável melhora de suas condições de funcionamento e um significativo crescimento do acervo, devidos, em boa medida, aos recursos transferidos pela Fapesp e, em grau bem menor, pelas agências de fomento federais. Como o acesso bibliográfico é condição *sine qua non* de nosso trabalho e a biblioteca equivale ao “laboratório” básico de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, é imperioso que receba a atenção e os investimentos necessários. Cabe ainda destacar que algumas das tradicionais dificuldades em atender aos graduandos (por exemplo, duplicatas de algumas obras em número suficiente; pesquisas em bibliotecas externas) foram em grande parte superadas com o recurso a novas tecnologias; por exemplo, o acesso ao material bibliográfico e a comunicação nacional e internacional foram altamente facilitados pela instalação da rede

eletrônica; o portal de revistas do Sibi (Sistema Integrado de Bibliotecas da USP) oferece acesso direito a dezenas de milhares de periódicos.

b) Cultura e extensão

O eixo da cultura e extensão está evidentemente entrelaçado com o eixo da formação. Com efeito, não só o contingente daqueles que buscam um contato geral com a cultura filosófica dele se beneficiam, sendo atingido pelo ensino da Filosofia desenvolvido no Departamento, mas também os estudantes que, tornando-se professores, guardam o sentido e a orientação da escola, tornando-se também produtores culturais, contribuindo significativamente para a criação e manutenção de um público filosófico.

O Departamento de Filosofia sempre teve um forte vínculo com a cultura e a política da cidade de São Paulo e do Brasil, o que pode ser atestado pelo constante diálogo entre a pesquisa especializada e as ciências e as artes e por vários exemplos significativos de atuação voltada para um público amplo, como a participação de muitos professores do Departamento nas edições e traduções de volumes da coleção “Os Pensadores”, que se tornou uma marco para a difusão filosófica no Brasil. Além de alguns docentes assinarem textos para catálogos de exposições em artes plásticas, cabe lembrar ainda a presença de vários outros em importantes órgãos da imprensa local, escrevendo sobre as mais diferentes questões, o que tem contribuído para o aperfeiçoamento do debate intelectual em distintas áreas da cultura. O Departamento publica regularmente uma série de revistas, entre elas a *Discurso*, ativa desde o início da década de 70, destinadas tanto a um público especializado como a um público cultivado amplo.

Em 1993, os docentes do Departamento fundaram a Discurso Editorial, sociedade civil sem fins lucrativos que visa ao desenvolvimento de atividades de apoio à docência e à pesquisa em filosofia, artes, letras e ciências humanas em diversas modalidades: tradução de livros de autores clássicos e de comentadores, produção de textos, desenvolvimento de projetos culturais nas áreas de mídia escrita e televisionada, cinema (curtas e longas metragens) CDs e vídeos, promoção de cursos, conferências, seminários, colóquios, congressos e outros. Entre 1995 e 2004, a Discurso Editorial esteve envolvida na publicação do *Jornal de resenhas*, em projeto conjunto com a *Folha de S. Paulo*.

No interior da Faculdade, o Departamento oferece, por meio de professores ou pós-graduandos, cursos extracurriculares destinados a um público amplo e que buscam abordar os mais diferentes aspectos da cultura filosófica.

Nos últimos anos, destacaram-se os projetos de extensão do PET voltados à comunidade acadêmica ou externa, como as revistas *Humanidades em Diálogo* e *Primeiros Escritos*, o site do grupo, os ciclos de filmes e palestras, os “cafés filosóficos” na periferia de São Paulo (Jardim Miriam e Perus), a organização de eventos coletivos de âmbito nacional e o apoio a professores de Filosofia da rede pública de ensino.

3. Ingressantes e egressos

3.1. Ingressantes

O Departamento oferece anualmente 170 vagas (80 no período vespertino e 90 no período noturno); destas 70% (119 vagas) são oferecidas pela Fuvest (Fundação para o Vestibular da USP) e 30% (51 vagas) pelo Sisu (Sistema de Seleção Unificado do Ministério da Educação), sendo 16 no período vespertino e 18 no período noturno. No montante de vagas oferecidas pelo Sisu, reservam-se 20% das vagas para egressos de escolas públicas e 10% para a categoria de autodeclarados Pretos, Pardos e Indígenas (PPI). É preciso observar que a partir do Vestibular 2018 começa a ser implementado o sistema de cotas da USP que, até 2021, reservará 50% das vagas para candidatos provenientes de escolas públicas e, no interior desse grupo, um número de vagas reservadas a estudantes PPI, em conformidade à proporção desse contingente na população total do Estado de São Paulo, seguindo a estimativa do IBGE. Outra forma de ingressar no Departamento é através de transferência interna (para alunos que estão matriculados em outros cursos da USP) e externa (para alunos que estão matriculados em Filosofia em outras instituições de Ensino Superior). Os dois processos são realizados anualmente, conforme a disponibilidade de vagas remanescentes.

A intensificação do processo de massificação do Ensino Fundamental e Médio no Brasil criou uma expressiva demanda voltada ao prosseguimento dos

estudos em nível superior, o que resultou no forte crescimento do contingente de alunos que têm acesso às universidades em busca de lugar num mercado de trabalho carente de profissionais qualificados. Por outro lado, a crise da escola, no Ensino Fundamental e Médio, é claramente notada pelos professores do Ensino Superior, pois a preparação dos egressos não atende às necessidades da aprendizagem na Universidade. A baixa qualidade da educação básica exige dos professores do curso de graduação em Filosofia da USP um grande esforço no sentido de reparar algumas deficiências de formação, especialmente no que diz respeito ao domínio da linguagem na interpretação e análise de textos.

Assiste-se também a uma mudança da demanda dos alunos do curso de graduação em Filosofia. Além daqueles interessados em seguir a carreira acadêmica universitária e daqueles alunos (especialmente do período noturno) que buscam uma cultura de caráter geral voltada à compreensão do mundo atual e dos problemas da sociedade moderna, nota-se um crescente interesse pela Licenciatura em Filosofia. Desse modo, a atual estrutura curricular da graduação (com um amplo elenco de disciplinas optativas) não está orientada exclusivamente para a formação de especialistas que optaram pela carreira acadêmica, mas também tem em vista o desenvolvimento geral da capacidade crítica e intelectual que possibilite uma formação ética e humanística do futuro professor do Ensino Médio.

3.2. Egressos

O Departamento de Filosofia da USP considera de grande importância obter informações sobre a trajetória profissional do egresso e a confrontação com a formação recebida. Isso pode promover a relação ensino/aprendizado na inserção do formando no mercado de trabalho, bem como orientar diretrizes pedagógicas. É importante ressaltar a abertura que o Departamento possui em relação aos seus ex-alunos; é de interesse que os próprios egressos estreitem o convívio iniciado na universidade, permeando experiências e construções de parcerias. No entanto, sente-se a falta de uma política da USP mais direcionada no que se refere a um cadastro de ex-alunos, a fim de que se possa conhecer melhor a situação atual dos egressos. Esse problema, espera-se, tende a ser sanado ao longo dos anos pelo sistema Alumni, recentemente implantado pela

Universidade e que constituirá um amplo banco de dados acerca de todos os estudantes formados na instituição.

Dentro das possibilidades limitadas de acompanhamento dos egressos por parte do próprio Departamento, são estas as principais áreas de atuação dos ex-alunos:

- Os que seguem a carreira acadêmica, isto é, fazem a pós-graduação (mestrado e doutorado), a fim de atuarem em instituições públicas e particulares de Ensino Superior;

- Os que atuam no Ensino Médio. Esse número cresceu exponencialmente nos últimos anos, após o retorno da Filosofia ao currículo do Ensino Médio paulista;

- Uma grande parcela dos ex-alunos segue diferentes carreiras profissionais, pois o curso de Filosofia muitas vezes é o segundo curso superior que esses alunos realizam;

- Por fim, muitos ex-alunos atuam em áreas adjacentes à Filosofia, no campo das humanidades, como no jornalismo, na área cultural, museus, etc.

4. Estrutura e matriz curricular do curso

4.1. Grade curricular do Bacharelado

Para conclusão do curso de bacharelado, o aluno precisa cumprir 150 créditos, que perfazem 3.000 horas entre disciplinas obrigatórias (96 créditos) e optativas (54 créditos); dentre as optativas, o aluno deve cursar 36 créditos em disciplinas filosóficas, isto é, oferecidas pelo Departamento, e pode escolher os demais créditos livremente entre disciplinas do Departamento e/ou de outros cursos da USP. Até 20% desses créditos podem ser obtidos por meio de intercâmbio com universidades estrangeiras conveniadas, conforme determinado pela Resolução nº 4974 de 28 de novembro de 2002 do Conselho de Graduação da USP. As disciplinas cursadas no exterior são lançadas diretamente no histórico escolar do estudante e créditos lhe são atribuídos conforme critérios da Comissão de Graduação da Faculdade.

As disciplinas oferecidas pelo Departamento são de 6 créditos (4 créditos-aula, 2 créditos-trabalho), à exceção de duas disciplinas do primeiro ano

(Introdução à Filosofia, no primeiro semestre; Filosofia Geral, no segundo semestre) que contam 12 créditos (8 créditos-aula, 4 créditos trabalho). Após a conclusão dessas duas disciplinas principais do primeiro ano, que são pré-requisitos para as demais, o estudante têm ampla liberdade de escolher as disciplinas que irá cursar a cada semestre, respeitando um número mínimo de 12 e um número máximo de 24 créditos (sendo no máximo 18 créditos em disciplinas filosóficas). O aluno é dispensado dessa exigência somente nos casos em que não tem disciplinas suficientes para cursar, por estar em fase de conclusão de curso ou por impedimento decorrente de reprovações em “disciplinas-requisitos”. No último semestre, isto é, aquele que precede a possível integralização dos créditos, o aluno pode cursar até 30 créditos (sendo no máximo 24 créditos em disciplinas filosóficas); outras demandas podem ser avaliadas pela coordenação do curso. O tempo ideal para integralização dos créditos é de 8 semestres; o tempo máximo é de 12 semestres.

O curso de Filosofia exige a realização de 30 horas de Atividades Acadêmicas Complementares (AAC), conforme descrito abaixo. O curso não exige estágio nem trabalho de conclusão de curso. Estágios não obrigatórios, remunerados ou não, podem ser realizados pelos estudantes por meio do Serviço de Estágios da Faculdade, desde que sejam cumpridas as orientações descritas no item 4.1.b.

4.1.a. Atividades Acadêmicas Complementares (AAC)

As Atividades Acadêmicas Complementares (AAC) constituem atividade curricular obrigatória para o curso de bacharelado em Filosofia, devendo o estudante realizar 30 horas (1 crédito-trabalho) de AAC até a integralização do currículo. As AAC serão registradas semestralmente, podendo o estudante optar pelo semestre, ou semestres, em que deseja realizar esse tipo de atividade, desde que, ao final do curso de graduação, conclua a carga horária indicada de AAC.

As AAC têm como objetivo:

I – fortalecer o diálogo e o contato do estudante de graduação com a própria Universidade, sua integralidade e contextos administrativo e social;

II – garantir a interdependência e complementaridade das atividades de ensino;

III – reconhecer a relevância de atividades pessoais de promoção de saúde e bem-estar para o bom desempenho acadêmico;

IV – estimular o empreendedorismo social e a busca de novas pautas de inovação;

V – propagar conhecimentos, saberes e práticas de extensão universitária para a comunidade externa;

VI – estimular a busca pelo conhecimento com base em problemas e perguntas do cotidiano; e

VII – estimular a prática profissional adquirida em seu curso de graduação em atividades que contemplem multi, inter e transdisciplinaridade na construção do conhecimento.

No curso de Bacharelado em Filosofia, e de acordo com a resolução CoG, CoCEX e CoPQ no 7788, de 26 de agosto de 2019 da USP, as AAC são divididas em três modalidades: Atividades Acadêmicas Complementares de Graduação (AACG), Atividades Acadêmicas Complementares de Cultura e Extensão Universitária (AACCE) e Atividades Acadêmicas Complementares de Pesquisa (AACPq).

Para integrar as 30 horas de AAC estabelecidas, os estudantes devem realizar ao menos **duas** das atividades elencadas abaixo, sendo que pelo menos uma delas deve ser realizada na Universidade de São Paulo. Os itens que compõem a lista podem sofrer alteração mediante decisão da Coordenação de Graduação do Curso.

Relação de atividades aceitas e roteiro de horas aceitas

- a. Participação em eventos acadêmicos (palestras, conferências, jornadas, minicursos, etc.) - (serão contabilizadas as horas do certificado)
- b. Organização de eventos acadêmicos - (serão contabilizadas as horas do certificado)
- c. Participação ativa em eventos acadêmicos (palestrante etc.) - (10h por evento)
- d. Monitoria acadêmica
- e. Monitoria não acadêmica
- f. Iniciação Científica
- g. Participação em grupo de pesquisa oficial
- h. Publicação em revista acadêmica

- i. Tradução de textos/artigos científicos publicados
- j. Curso de língua estrangeira com certificado oficial
- k. Cursos de formação geral ou especialização (excluem-se cursos de graduação e pós strictu sensu)
- l. Curso de difusão cultural ou extensão
- m. Participação em atividades propostas pela biblioteca
- n. Participação em eventos em escolas e instituições educativas
- o. Intercâmbio acadêmico
- p. Centro Acadêmico

4.1.b Estágio não-obrigatório

As atividades de estágio não-obrigatório nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem, aperfeiçoamento técnico, cultural, científico e de relacionamento humano. Devem também ter o intuito de complementar a formação por meio de vivência de experiências próprias da situação profissional, ainda que sem previsão expressa no respectivo currículo do aluno.

Para que o aluno obtenha a concessão do estágio, é obrigatório que esteja regularmente matriculado e que tenha cursado pelo menos um semestre, conforme exigência da Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008. Além disso, a aprovação do estágio estará sujeita a avaliação do respectivo coordenador de curso, que levará em conta: a) desempenho acadêmico do aluno; b) relação entre o curso em desenvolvimento e as atividades que desempenhará no estágio; c) carga horária do estágio, que não pode ser superior a 30 horas/semana; d) compatibilidade entre o horário do estágio e o período do curso.

Informações detalhadas sobre procedimentos e documentos necessários para a realização de estágios não-obrigatórios podem ser obtidas no endereço eletrônico <http://graduacao.fflch.usp.br/estagios>.

4.2. Grade curricular da Licenciatura

Em conformidade com a indissociabilidade entre ensino e pesquisa que marca o curso de Filosofia da USP desde sua criação, a Licenciatura estrutura-se como uma formação complementar à do Bacharelado.

O estudante pode, a partir do segundo ano de curso, intensificar sua formação na Licenciatura e começar a frequentar as disciplinas específicas na Faculdade de Educação em paralelo às disciplinas do Bacharelado. Também é possível cursá-las somente ao final do Bacharelado; neste caso, o licenciando passa a ser estudante somente da Faculdade de Educação e esta unidade define o tempo ideal para a integralização dos créditos.

No âmbito do Departamento, a formação específica da Licenciatura concentra-se: (a) nas disciplinas Questões de Ensino de Filosofia e Estágio Supervisionado; (b) nas Práticas como Componente Curricular (PCC) que estão presentes desde o início da graduação distribuídas em disciplinas obrigatórias.

A descrição detalhada da estruturação da Licenciatura encontra-se no Projeto Pedagógico específico da Licenciatura.

4.3. Estrutura curricular

A estrutura curricular do Departamento de Filosofia está assentada, desde seus primórdios, sobre duas grandes áreas: (I) a **histórica**, que compreende o conjunto de disciplinas de História da Filosofia (História da Filosofia Antiga, História da Filosofia Medieval, História da Filosofia Moderna I, História da Filosofia Moderna II, História da Filosofia Contemporânea); (II) a **temática**, que compreende o conjunto das disciplinas temáticas (Lógica e Filosofia da Linguagem, Ética e Filosofia Política, Teoria das Ciências Humanas, Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência, Estética e Filosofia da Arte). A isso acrescentou-se mais recentemente (III) a **área dedicada à Licenciatura**, com disciplinas voltadas aos licenciandos (Questões de Ensino de Filosofia, Estágio Supervisionado)

A despeito das subdivisões que foram sendo criadas ao longo de tempo e da crescente especialização, o Departamento tem procurado guardar fidelidade ao princípio de integração e equilíbrio entre as diversas disciplinas, mantendo em linhas gerais inalterado o desenho de sua edificação original: o estudante cursará, obrigatoriamente, ao menos uma disciplina de cada área e escolherá optativas entre as várias áreas conforme o seu interesse (lembrando que a disciplina Questões de Ensino de Filosofia é obrigatória aos licenciandos e optativa aos bacharelandos, ao passo que o Estágio Supervisionado é oferecido somente aos licenciandos). A ideia que preside a organização da estrutura

curricular é basicamente a de formação, isto é, procura-se familiarizar o aluno com um modo de trabalho específico da reflexão filosófica. Neste sentido, não se privilegia a extensão da informação e sua diversificação panorâmica, forçosamente superficial, mas se procura ilustrar, com alguns autores e temas, a maneira como convém ser lida e analisada uma obra filosófica. Evidentemente, levando-se em conta certa estratégia de formação, procura-se fazer com que os autores e temas escolhidos possuam a relevância histórica dos assuntos fundamentais, aqueles que permitirão ao aluno uma abertura para a compreensão de temas e autores afins. Com isso se busca um equilíbrio tal que não torne a predominância do caráter formador do curso algo que se contraponha a uma extensão mínima da informação fundamental, sobretudo considerando que a preparação profissional do docente de Ensino Médio inclui-se de forma decisiva entre os objetivos do curso.

No que se refere particularmente ao primeiro ano do curso, algumas palavras são ainda necessárias. Nessa etapa, os alunos só podem matricular-se, no primeiro semestre, nas disciplinas Introdução à Filosofia e Introdução à Filosofia I, e, no segundo semestre, nas disciplinas Filosofia Geral e Filosofia Geral I, sendo que Introdução à Filosofia e Filosofia Geral são pré-requisitos para todas as outras disciplinas da grade. Estas duas disciplinas de iniciação, ambas de 12 créditos, são assumidas rotativamente por professores de todas as áreas do Departamento, dado o consenso de todo o corpo docente quanto ao papel fundamental que o primeiro contato mais aprofundado com a Filosofia tem na formação dos alunos, sendo igualmente consensual a importância de que os professores assumam coletivamente essa responsabilidade. Exatamente por isso, tais disciplinas não têm conteúdo pré-definido, embora haja certo predomínio de História da Filosofia Moderna, de modo que todos os professores possam adaptar seus temas de especialidade à tarefa. O objetivo dessas disciplinas, para lá do conteúdo específico tratado por cada professor responsável, é instrumentar os calouros para a leitura de textos clássicos e para a discussão de questões filosóficas em sala de aula. Para tanto, duas condições fundamentais são garantidas nessas disciplinas: a) oferece-se uma bibliografia básica integralmente em português (o que nem sempre será possível nos outros anos de curso, em que pese o incremento recente no número de boas traduções); b) as numerosas classes de primeiro ano são divididas para que, em

grupos menores, parte das disciplinas seja dedicada a seminários apresentados pelos alunos e supervisionados pelo professor, de modo que todos possam participar ativamente desde sua entrada na graduação. Por isso, cada uma dessas duas disciplinas é assumida por uma equipe de quatro professores (dois para a parte expositiva e dois para os seminários).

Finalmente, cumpre destacar a disciplina “Práticas de Leitura e Escrita Acadêmicas”, nascida de uma experiência do Departamento de Filosofia e ainda hoje oficialmente oferecida por ele, mas que conta hoje com a participação de professores dos cinco cursos de graduação da Faculdade e tem as vagas disponíveis também repartidas entre todos os cursos da Faculdade. No mesmo espírito de nosso primeiro ano, a intenção é instrumentar os estudantes no que se refere às peculiaridades da leitura e da redação ponderada de textos científicos; para isso, se propõem aos estudantes exercícios minuciosos de leitura e escrita cuja realização é inteiramente acompanhada por monitores (normalmente pós-graduandos ou alunos do último ano de graduação). A disciplina pode ser cursada pelos estudantes em qualquer momento da graduação.